



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Sala de Aula como Pista de Dança das Possibilidades de Aprendizagem
<b>Autor</b>	LINDSAY TAROUCO GIANUCA
<b>Orientador</b>	SILVIA BALESTRERI NUNES

A presente proposta compreende a exposição da experiência praticada em estágio docente desenvolvida em duas turmas da disciplina intitulada Linguagem Visual do Teatro junto ao curso de Graduação em Teatro do Departamento de Arte Dramática desta Universidade. A prática neófito amparou-se nos estudos do filósofo francês Jacques Rancière para propor uma atividade cujo conhecimento está compartilhado e desierarquizado, em que a ideia de aprendizagem é estimulada pelo docente a partir da multiplicidade de vivências e olhares em oposição a um processo unilateral de transmissão do saber, já que o caráter do estágio compreendia aulas essencialmente teóricas sobre o espaço cênico e a cenografia. Ao dividir com o corpo discente a prática, o olhar e o pensamento sobre os temas tratados, as aulas tomaram um rumo próprio, construído a partir das singularidades. Apesar de um cronograma comum às duas turmas, os encaminhamentos e resultados obtidos foram sensivelmente distintos, pois se compunham do material humano disponível em sala de aula em oposição ao cumprimento de metas rígidas e engessadas que pudessem esterilizar o vívido das relações estabelecidas e das possibilidades do pensamento. Ao autorizar ao aluno a construção de seu campo de observação ante os temas propostos, percebeu-se um engajamento responsável e autônomo que pluralizaram os modelos e métodos propostos em cada aula e que, ao invés de ameaçar a disciplina ou a condução das atividades, reiterava a natureza sutil, a materialidade frágil da construção do pensamento e das experiências. Desta forma, avançar no conteúdo programático pré-definido tornou-se questão menor ante os desdobramentos por que avançávamos naquelas tardes de reflexão sobre os corpos, os espaços, a estética e as relações cênicas; avançou-se além do conteúdo, situando-o diante das experiências pessoais e artísticas, apropriando-se da matéria para criação de fórmulas próprias, frutíferas e inquietas. Se muitos alunos saíam com mais perguntas do que entravam em sala de aula não foi porque suas dúvidas ou angústias foram negligenciadas, mas porque o desencadeamento da rede referencial de cada indivíduo, ao ser tomada como matéria para o pensamento comum, catalisava o ímpeto investigativo o que acarretava novas e variadas questões entre uma aula e outra. Além disso, viu-se que a aula não terminava no seu (sempre exíguo) espaço de tempo, mas proliferava nas vidas, era então além de conteúdo vencido, mas investigação corporeificada, busca pertencente. E se de um lado a tecnologia dava conta de ilustrar espaços e cenas ou introduzir os temas propostos através de projeções, de outro lado o contato com a artista e cenógrafa Zoé Degani ou a visita ao Centro Cenotécnico do Estado tratavam de assegurar a aprendizagem analógica que se dá pela vivência com o outro e os espaços, pela troca interpessoal não informatizada. Além disso, o aporte teórico-filosófico que embasava a pesquisa da estagiária à frente da disciplina e que compreendia os filósofos Gilles Deleuze (para quem a aprendizagem constrói-se através de mundos de signos) e Félix Guattari como principais pilares também fez autorizar e difundir possibilidades de *modus operandi* em sala de aula, as filosofias da diferença agregavam assim ainda mais teor permissivo que emancipava e incumbia os alunos a tomarem as suas próprias rédeas de aprendizagem, além de aproximar os campos da pesquisa e do ensino. Por fim, o retorno descrito pelos alunos nas avaliações das atividades provou que a experiência suscitou mais do que se supunha primariamente, potencializou e instigou os discentes às suas investigações pessoais, científicas e artísticas e permitiu a legitimação de uma alternância entre educador e aluno em que justamente a migração de um estado a outro possibilitou sermos mestres e aprendizes, espectadores, atores, diretores, cenógrafos, etc., cada um destes papéis se reforçando pelo contraste e diluindo-se no compartilhamento de experiências proporcionado. Se para a ministrante a experiência de orientar uma disciplina lhe permitiu desmistificar e acolher a prática educativa como possibilidade futura, aos alunos, o conhecimento compartilhado e o estímulo ao pensamento independente e à construção de opiniões e saberes próprios promoveu aulas que prosseguiram frutificando extraclasse, fazendo-lhes acoplar conteúdo e vida como aliados para o entendimento e aprofundamento das questões investigadas. Finalmente, a expansão de conceitos e vivências ampliou o universo de todas as pessoas envolvidas na experiência narrada, notando-se a edificação de um método e condução de processos de aprendizagem que resultaram novas formas, posturas e possibilidades no microcosmo particular de cada indivíduo a partir do macrocosmo da sala de aula tomada como pista de descoberta coletiva: palco da experiência plural que rompe, redefine e reflete sobre padrões e papéis e que prolifera as relações entre conteúdo e vida, sala de aula e mundo.

#### **Referências:**

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_; Félix Guattari. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

RANCIÈRE, Jacques. **El espectador emancipado**. Buenos Aires: Manantial, 2010.

\_\_\_\_\_. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte : Autêntica, 2004.